



Eu estava concentrado em meus pensamentos em meu escritório, preparando uma palestra para aquela noite em uma faculdade da cidade, quando o telefone tocou. Uma mulher que eu não conhecia se apresentou e disse-me ser mãe de um garoto de sete anos e que ela estava morrendo. Disse que seu terapeuta a tinha recomendado não discutir sua morte com seu filho pois seria demasiado traumático para ele, mas de algum modo ela sentia que não estava correto.

Sabendo que eu trabalhava com crianças, pediu meu conselho. Eu disse-lhe que nosso coração é, normalmente, mais esperto do que nosso cérebro e que eu acreditava que ela sabia o que seria melhor para seu filho. Eu a convidei para assistir a palestra daquela noite, já que eu falaria exatamente sobre como as crianças lidam com a morte. Ela respondeu que estaria lá.

Mais tarde eu pensava em como a reconheceria, mas minha dúvida foi esclarecida quando vi uma frágil mulher entrar carregada por dois adultos. Eu falei sobre o fato de que as crianças geralmente detectam a verdade muito tempo antes que lhe sejam ditas e que freqüentemente aguardam até que os adultos estejam prontos para falar. Eu disse que as crianças geralmente podem suportar melhor a verdade do que a omissão, mesmo que a omissão pretenda protegê-las da dor. Eu disse que respeito às crianças significa incluí-las nas tristezas e melancolias da família, não deixando-as de fora.

Ela tinha ouvido o suficiente. No intervalo, subiu ao palco e entre lágrimas disse,

- Em meu coração eu sempre soube. Eu sabia que deveria lhe contar. Terei uma conversa essa noite com meu filho.

Na manhã seguinte eu recebi outro telefonema dela. Mal podia falar, mas me esforcei para ouvir a história naquela voz sufocada. Ela disse que o acordou quando chegaram em casa à noite e, calmamente disse a ele,

- Derek, tenho algo muito sério para lhe contar.

Ela a interrompeu dizendo,

- Mãe, você vai me contar que está morrendo?

Ela o abraçou apertado, e ambos choraram quando ela disse,

- Sim.

Depois de alguns minutos, o menino desceu. Disse que tinha guardado algo para ela. Atrás de uma de suas gavetas estava uma suja caixa de lápis. Dentro da caixa uma carta escrita no simples rabisco de uma criança. Dizia,

"Adeus, mamãe. Eu sempre lhe amarei".

Quanto tempo tinha esperado para ouvir a verdade, eu não sei. Eu sei que dois dias depois a jovem mãe morreu. E em seu caixão foi colocado uma suja caixa de lápis e uma carta.

Tradução de SergioBarros

do texto de Doris Sanford

(Site: Fonte Reflexão - [www.fontereflexao.cjb.net](http://www.fontereflexao.cjb.net))

(Respeite a fonte, a autoria e as traduções dos textos - Se for copia-lo ou repassa-lo por favor utilizar a fonte [www.cvdee.org.br](http://www.cvdee.org.br) - mantendo as referências, agradecemos)